

CONDENSADO DO LIVRO

~~~~~  
**DESAFIO  
AO VENTO**  
~~~~~

HAROLD KRENTS

O vibrante depoimento de um menino cego que enfrentou a vida, sem desculpas nem pretextos. O seu riso alegre e a sua coragem cintilam raios de sol através destas páginas, e a sua imensa alegria de viver é uma inspiração para todos nós.

DESAFIO AO VENTO

HAROLD KRENTS

MAGINO como deve ser terrível saber que um filho nasceu cego. A angústia que os meus pais sentiram ficou clara num incidente ocorrido há alguns anos. Ao limpar o nosso sótão em Scarsdale, Nova York, minha mãe encontrou o meu diário de bebê. As primeiras páginas contêm aquelas coisas de sempre: o meu peso ao nascer, a data da minha chegada à casa e o dia em que rompeu o meu primeiro dente. Depois, segue-se uma página datada de 23 de maio de 1945. Eu tinha oito meses e, devido a crescentes suspeitas, meus pais tinham-me levado a um oftalmologista de Boston. O registro desse dia diz o seguinte: «Acabamos de regressar de Boston com Harold. O meu bebê é cego.» Todas as páginas seguintes estão em branco.

Claro que, na época, eu ignorava tudo isso e não me lembrava de ter sido completamente cego, pois quando tinha um ano e meio comecei, de repente, a ver um pouco com o olho esquerdo. O milagre emocionou os meus pais indescritivelmente, e foi como o êxito culminante de 18 meses de lutas.

Os menores progressos de um bebê normal, que a maioria dos pais aceitam como coisa natural — sentar-se, sorrir, estender as mãos na direção do som de um chocalho —



O autor, em 1969, com sua futura esposa, Kit Williams

tenham sido, para os meus, motivo de alegria. Agora, embora a minha visão ainda fosse muito deficiente, achavam que existia uma autêntica probabilidade de me integrar no mundo visual.

As minhas primeiras recordações nítidas começam na idade de três anos, correndo pela rua abaixo, muito à frente de mamãe e de minha tia. Achava que podia desafiar o vento e vencê-lo e, às vezes, a luta era acesa. Mas, inevitavelmente, acabava me chocando com um poste ou com um parquímetro

e voltava para junto de minha mãe, cuspiendo sangue e chorando mais de frustração que de dor.

«Como pode ser tão cruel?» perguntava minha tia, indignada.

«Pensa que é fácil para mim deixá-lo machucar-se?» respondia minha mãe. «Sei que o mais fácil seria segurá-lo pela mão, mas não posso fazer isso. Não quero apenas que ele seja independente; quero que goste de ser assim.

Foi um trabalho de equipe. Quando entrei para a escola primária, a diretora receou que eu retardasse o rendimento do resto da classe, mas aprendi a ler ao mesmo tempo que os meus colegas, graças a minha mãe. Diariamente, durante horas, ela copiava os meus livros em grandes letras pretas, e não custei a ter a minha própria cartilha, contendo tudo o que os outros liam.

Meu pai tomava-me a seu cargo várias semanas antes da minha peregrinação anual ao oftalmologista. Todas as noites, enquanto a família — meu irmão mais velho, Larry, e minha irmã, Babby — jantava, ele pegava em uma peça do talher e perguntava: «Harold, que estou segurando?»

Espreitando através da névoa que parecia sempre fixa a curta distância do meu olho esquerdo, con-

seguia enxergar um garfo, uma colher ou uma faca, e responder. Papai inventava constantemente maneiras de demonstrar quanto a minha visão melhorara. Certa vez, levou para casa um gigantesco «E» preto. Ia virando a letra, e eu, do fundo da sala, tinha de dizer para que direção apontava. Isto se repetiu todas as noites, durante uma semana.

No segundo ano, aconteceu uma coisa maravilhosa: passei a usar óculos especiais. Com eles, eu parecia um marciano, mas, pela primeira vez na vida, conseguia ler letras impressas em tamanho normal. Saí do consultório, corri para casa e fui direto ao quarto do meu irmão e à estante onde Larry tinha a sua coleção de histórias em quadrinhos. Quando ele chegou, mais tarde, encontrou-me deitado no meio de um monte de revistas espalhadas, profundamente absorto na leitura das façanhas de personagens de que eu ouvira falar muito, mas que nunca vira.

Depois, uma noite, quanto tinha nove anos, acordei com uma dor no olho esquerdo. Minha visão desaparecera de novo. No dia seguinte, fomos ao especialista, que utilizou diversos tipos de gotas, e acendeu e apagou a sua luzinha através da nuvem que cobria o meu

olho esquerdo. Seguiu-se uma operação e seis semanas de cama, em casa. Por fim, voltei ao consultório, para saber o veredito.

O médico levou muito tempo apontando a luzinha sobre o meu olho. Eu ouvia o *clique!*, à medida que a luz se acendia e apagava. Depois ouvi o ranger de uma cadeira e, a seguir, senti-o sentado a meu lado.

«Harold, o que vou dizer vai te fazer chorar.»

«Um rapaz crescido não chora», respondi-lhe.

«Nunca mais verá, Harold», disse-me o médico, docemente. «Será completamente cego para o resto da vida. Compreende?»

«Claro que compreendo», respondeu uma voz que eu nunca ouvira, e de repente dei comigo chorando.

Nessa noite, ao jantar, ninguém falou. Não havia, realmente, nada a dizer. Cada um de nós se encolhia na sua própria dor.

Talvez achem impossível um menino de nove anos ser adulto, mas foi no que me tornei nessa noite: adulto. Deitei-me logo depois do jantar, mas passei várias horas acordado, pensando nos prós e contras de uma vida na dependência dos outros ou de uma vida independente. «Seria agradável ter pessoas fazendo as coisas por mim», pensei. «Teriam pena de mim e me dedicariam muita atenção.»

Já era tarde da noite quando decidi, finalmente, que queria ser independente. Fui ao quarto dos

meus pais e encontrei-os ainda acordados. Estavam conversando.

«Quero tentar lutar», disse-lhes. «Não desejo que ninguém tenha pena de mim, só porque sou cego. Quero recomeçar como se não tivesse acontecido nada, aqui em casa.»

«Harold, não vai ser fácil», advertiu meu pai, cautelosamente. «Confesso que não sei como poderá ler nem como resolveremos o problema. Se tivermos de aprender Braille, aprenderemos, mas se as suas probabilidades forem melhores numa escola de cegos, então creio que teremos de optar por isso. Ajude-nos a decidir, quando chegar a hora.»

«Já decidi. Quero ficar aqui.»

Nunca me senti verdadeiramente tentado a mudar de idéia, desde aquela noite, há tanto tempo. Tomara uma decisão: não seria um cego num mundo cego.

Uma Pequena Frase

MINHA adaptação foi difícil. Tive problemas com os meus colegas logo que regressei à escola. No recreio, um grande número de garotos reuniu-se ao meu redor.

«Harold, como é ser cego?», perguntou um deles, pronunciando a palavra «cego» como se fosse uma doença.

«Não sou completamente cego», repliquei.

«É, sim!», disse uma menina.

«Não sou!» insisti, obstinado.

«Então diga quantos dedos eu

tenho nesta mão?», perguntou ela.

Um pontinho de luz, no meu olho direito, era toda a visão que me restava. Franzi os olhos, mas não vi nenhum dedo. Nem sequer consegui ver a mão.

«Nenhum», respondi, tentando adivinhar.

Todos caíram na gargalhada. Con tive as lágrimas que me queimavam os olhos.

«Olha o cego! olha o cego!» cantavam alegremente, dançando à minha volta.

Depois disso, não voltei ao pátio. Passava os 20 minutos na sala, aprendendo a escrever a máquina. Meu professor sentava-se a meu lado e me ensinava as letras, carreira por carreira. Ao fim de uma semana, eu fazia os ditados a máquina, enquanto meus colegas os faziam a mão. Desde então, tenho datilografado todos os meus escritos e exames. Foi um grande passo de regresso ao mundo que eu deixara tão recentemente.

Não quero dar a impressão de que este período de reajustamento tenha sido totalmente infeliz. Também teve momentos maravilhosos. Teve, por exemplo, Fern Kauffman. Fern era uma menininha sossegada, que se sentava a meu lado e nunca zombava de mim. Compartilhei com ela o meu desgosto, minhas frustrações e meus sonhos de futuro.

«Fern», perguntei-lhe num dia quente de abril, «você joga basebol?»

«Não, Harold».

«Estava pensando» — confi-

dencieei-lhe — «se seria capaz de acertar numa bola de basebol como antes de perder a vista.»

«Duvido muito», respondeu-me francamente.

Mas, teimei, não tínhamos certeza. Disse-lhe que, nessa tarde, levaria a bola e o bastão, e perguntei-lhe se se importava de me atirar algumas bolas. Concordei. Assim, logo que as aulas terminaram, esgueirei-me com Fern para uma parte do recreio pouco frequentada e coloquei-me na posição habitual de batedor.

«Há alguém olhando?», perguntei baixinho.

«Não», respondeu Fern, e atirou a bola.

Brandi o bastão, mas só acertei o ar.

«Foi um mau lançamento», confortou-me Fern. «As meninas não sabem atirar.»

Aproximou-se e deu-me uma palmadinha na mão.

«Bem, agora temos certeza», declarei. «Nem sequer vi a bola!»

Atravessamos o pátio em silêncio. Desde que voltara à escola nunca mais convidara ninguém a ir a minha casa, mas, naquele momento, convidei desajeitadamente Fern para almoçar comigo, no dia seguinte.

«Com muito prazer», respondeu-me, e não faltou.

Ela e minha mãe conversaram durante a refeição de sanduíches e bolinhos, enquanto eu escutava, num silêncio firme. Quando chegou a hora de irmos para a escola, minha mãe olhou para Fern, e disse:

«Foi muito amável vindo almoçar, querida. Sinto-me feliz por ter tido oportunidade de conhecer a amiga de Harold, porque, embora seja cego, ele...»

«Acho-o maravilhoso», interrompeu Fern, calmamente.

Sei que Fern se casou e é possível que tenha esquecido tanto o almoço como as suas palavras de despedida a minha mãe, mas aquela sua pequena frase me ajudou a resistir durante anos muito difíceis.

Fosse Qual Fosse a Meta

MEU regresso para o 3.º ano, depois da operação, foi um fracasso. Atrasei-me e, como não lia Braille, a escola não me queria. Por isso, embora relutando, meus pais concordaram que eu estudaria em casa, no outono seguinte.

O primeiro professor era cego e eu antipatizava extremamente com ele. Na minha opinião, era ele quem se atravessava no meu caminho e me impedia de frequentar a escola como todos os outros garotos da minha idade. Devo dizer, no entanto, que, na realidade, se tratava de um rapaz inteligente e trabalhador. Mas eu só via nele um adulto que tinha de ser levado ao automóvel, todos os dias, e, olhando para o meu futuro, tinha medo.

Ele acabou indo embora e foi substituído por minha mãe, que se revelou uma mestra implacável. Todas as terças-feiras de manhã, ela assistia a uma aula de Braille para não-cegos, e à tarde me ensi-

nava o que aprendera. Ao fim do curso de 20 semanas, o seu objetivo estava atingido: eu sabia Braille e estávamos ambos prontos para iniciar os estudos.

Ela me ensinava dia após dia, mês após mês. Não sei como tinha paciência para resistir a tal provação, pois eu era, muitas vezes, um aluno irritável, intrigado pelas complexidades das contas de dividir com muitos algarismos, cansado e cego. Mas, depois de dez meses de trabalho, submeti-me às provas de passagem para o 4.º ano e fiquei bem em tudo. Quando soubemos os resultados — nota seis em ortografia e interpretação do texto e nota quatro em aritmética —, toda a família Krent ficou louca de alegria. Meu pai deu um grito que ecoou pela casa, Babby plantou bananeiras, Larry deu-me uma grande palmada nas costas e minha mãe até chorou um pouco. Eu me limitei a sorrir.

Na segunda-feira seguinte voltei para a escola em tempo integral. Foi uma sensação maravilhosa.

Entretanto, meu irmão Larry tomara a seu cargo a minha reabilitação física. Certo domingo de manhã, anunciou que chegara a hora de me repor em forma e que estava absolutamente decidido a jogar futebol americano com o irmão, como todos os seus amigos jogavam com os seus irmãos. Quando protestei que não via, replicou-me que o passe a gente apanhava com as mãos e não com os olhos. Prometeu atirar a bola com a máxima

precisão; eu só teria que segurá-la com firmeza, sem a deixar cair.

Em casa, pareceu simples, mas, quando fomos para o quintal, surgiram problemas. Mal comecei a correr para interceptar um passe, comecei também a tremer de medo. Experimentem apanhar uma bola de olhos fechados e compreenderão o que senti.

«Não fuja com o corpo!» — gritava Larry, furioso, e no momento seguinte a bola me acertava a cabeça. «Ninguém morre com uma bolada na cara, Harold», tentava consolar-me. «Portanto, pare de tremer. Você agarrará a bola, se tentar.»

Depois que isto aconteceu quatro ou cinco vezes, tomei uma decisão. Como não podia sequer pensar em desistir e decepcionar Larry, e como ambos os meus lábios já sangravam, todos os estragos que receava estavam feitos. Resolvi, por isso, sair ao encontro da bola, da vez seguinte, contando apenas com a perícia de lançamento do meu irmão e com a sorte. Ele atirou a bola direitinho às minhas mãos e eu a apertei contra meu corpo sem qualquer dificuldade. Larry ficou entusiasmado.

A experiência de basebol falhara, com Fern, mas Larry também resolveu esse problema. Arranjou uma bola de 25 centímetros, isto é, tão grande que dificilmente eu não a acertaria. Não tardei a batê-la por todo o caminho até a casa.

NÃO há nada que seja absolutamente mau. Nem mesmo a cegueira.

O Dom da Música

Um exemplo disso foi o concerto de Natal no 5.º ano. A música era uma das disciplinas em que um aluno cego podia brilhar, e eu tinha o melhor ouvido da classe.

Durante semanas, estudei uma peça de Haydn para violino, a fim de estar preparado se me convidassem para um solo. Até meu pai, que era o meu crítico mais severo, ficou agradavelmente surpreso ao me ouvir tocar, em casa. Quando chegou o dia da escolha dos papéis, entrei na sala de música bastante calmo e confiante.

Mas todos os meus esforços tinham sido vãos, pois nem sequer me permitiram tocar o meu número. Senti uma frustração terrível quando o último solo foi confiado a uma moça que começara a aprender violino havia apenas seis meses. Eu tinha o direito ao solo, até por questão de antiguidade!

No dia do concerto, toda a orquestra entrou no ginásio, onde estava reunido um grande auditório de alunos e familiares. Fui tomado por uma onda de inveja quando pensei na novata que receberia, em meu lugar, os aplausos de toda aquela gente.

O concerto decorreu na maior perfeição. A orquestra tocou com um virtuosismo incomum e os primeiros solos chegaram ao fim sem uma única falha. Até que a mocinha se levantou e caminhou para a entrada do palco, com o seu violino. A assistência acolheu-a num silêncio

de expectativa, que me enervava.

«Por favor, meu Deus, faça com que ela arrebente uma das cordas!», pedi mentalmente.

Mas Deus tinha outros planos. O solo foi tocado sem um deslize, a assistência ovacionou e eu, contrafeito, fiz o mesmo.

Chegou, por fim, o momento culminante. O coro da escola reuniu-se na galeria, munido de velas, e a orquestra começou a tocar «Noite Feliz». Lentamente, as luzes se apagaram, deixando-nos como única iluminação a luz trêmula das cem velas empunhadas pelos membros do coro, que cantava suavemente.

Também lentamente — e dramaticamente —, a orquestra começou a falhar, em proporção direta à diminuição da luz. Quando esta se extinguiu por completo, aconteceu o mesmo à orquestra, porque ninguém podia ler a pauta musical. Ninguém exceto eu, pois toda a pauta estava na minha cabeça.

Do meu cantinho, o som de um segundo violinista solitário, mas muito orgulhoso, encheu o ginásio. O coro e eu prosseguimos, verso após verso, com a minha confiança e felicidade aumentando a cada nota. Quando terminei, o teatro quase veio abaixo. Recostei-me na cadeira e deixei-me invadir pelas ondas de aplausos. Sim, até a cegueira tem as suas compensações.

O 7.º ano assinala o início do período que é, sem dúvida, o pior na vida de uma criança: a adolescência. Isto se nota sobretudo nas

meninas, algumas das quais já são muito bem dotadas de atrativos, mesmo nesta época. Acontecia assim com uma delas em especial — Emily Mason.

Homenagem a Emily

Durante a maior parte do ano, sempre que os rapazes se reuniam sozinhos, o primeiro assunto a ser abordado era o do busto de Emily. Até os garotos ainda indiferentes ao sexo falavam dela em voz baixa.

Claro que os seus dotes também não passavam despercebidos às outras meninas. Mas, sendo elas o que são, não perdiam tempo com a infrutífera ocupação da inveja e, nada dispostas a serem ofuscadas pela colega, não tardaram a recorrer a auxílios artificiais.

Naturalmente isto colocava os rapazes numa situação muito difícil, a qual, inevitavelmente, se refletia sobre Emily.

«Sabem», confessou Eddy Smith um dia, «às vezes me pergunto se Emily é... bem... se tudo aquilo é realmente de Emily.»

Durante várias semanas ficamos positivamente obcecados com essa dúvida. Pensamos nos planos mais desatinados para tirar a questão a limpo, mas foram logo abandonados, por impraticáveis. Até que uma manhã, quando estávamos todos no vestiário, antes de começar a aula de inglês, Eddy Smith segredou:

«Hei, encontrei a solução ideal! O Harold descobrirá por nós. Como ele está sempre esbarrando em tudo,

porque não poderia esbarrar também em Emily? Bastava ele querer.»

«Não posso fazer uma coisa dessas!», protestei.

«Claro que pode, Harold», afirmou Eddy, dando-me um tapinha nas costas. «É a sua oportunidade de ser útil, para variar. Faça de conta que é um explorador caminhando em terras estranhas, em busca de conhecimento.»

«É altamente educativo!», exclamou Mike Robinson, às gargalhadas.

«Sem dúvida», concordou Eddy. «É como se você fosse uma espécie de Cristóvão Colombo, empenhado em descobrir se Emily é redonda ou achatada.»

Posta a questão deste modo, como poderia eu recusar? Passamos o resto da manhã dando os últimos retoques no programa da minha «viagem de descoberta».

Cumpri a missão no meio da tarde. «Cristóvão Colombo», juntamente com Eddy e Mike, estava de pé, num canto do salão, quando, de súbito, senti a mão de Eddy apertar-lhe o ombro.

«Ali vem ela!», segredou-me. «No outro extremo do salão, caminhando em direção a nós.»

«Orientem-me», pedi, baixinho.

«Sim, comandante», respondeu Mike e, rapidamente, me desviaram dois passos para a esquerda.

«Agora!», ordenou Eddy.

Desatei a correr a toda a velocidade, com as mãos estendidas à minha frente. A rota traçada por Eddy e Mike estava absolutamente

exata: acertei em cheio, desviei-me para a esquerda de Emily e continuei a correr.

«Desculpe», gritei, por cima do ombro.

Assim que as aulas terminaram, todos os rapazes do 7.º ano se reuniram no vestiário, para ouvir o meu relatório. Ouviam-se várias conjecturas quando entrei, mas o barulho foi substituído por um silêncio tenso, quando subi num banco, a fim de relatar o que descobrira.

«Cavalheiros, tenho o prazer de lhes anunciar que não há dúvida absolutamente nenhuma. É *tudo* de Emily!»

«Três vivas ao Harold!», gritou Eddy, e os outros lhe fizeram coro.

Mas a última palavra foi minha: «Três vivas a *Emily!*», gritei.

Capacidade de Errar

O Colégio Scarsdale é grande, e se eu desejasse resumir aqui a minha experiência inicial que tive de lá, decerto usaria uma palavra: solidão. Andei de grupo em grupo de estudantes, na esperança de ser aceito. Claro que, com o tempo, haveria quem me conhecesse, mas eu desejava mais do que um «olá!» nos corredores. Por fim, no terceiro ano, decidi candidatar-me à presidência do grêmio estudantil.

Meus poucos amigos riram quando lhes pedi que me apoiassem, e declararam ser impossível a um cego organizar uma campanha, quanto mais um grêmio estudantil.

Logo após o capitão do time de futebol, o presidente do grêmio desfrutava de uma posição mais elevada e de mais respeito do que qualquer outro estudante. Isto significava que os alunos ambiciosos e sem habilidade para o futebol começavam a se preparar para a presidência logo que se matriculavam no colégio. Não admirava, portanto, que os outros dois candidatos tivessem sido membros do grêmio desde o primeiro ano, ao passo que eu não tinha experiência nenhuma do assunto. Todos os membros da campanha «pró Krents» podiam caber facilmente numa cabine telefônica, enquanto os outros tinham grande número de partidários.

O momento culminante da campanha verificou-se na véspera da eleição, quando todo o corpo discente se reuniu no ginásio. Durante uma hora, os candidatos deveriam responder às perguntas do eleitorado.

A reunião estava quase acabada quando alguém se dirigiu a mim, finalmente, e uma voz perguntou, lá do fundo:

«Porque votaríamos em você, amanhã? Há alguma coisa que o torne diferente, especial?»

Respondi que nada tinha de especial:

«Se querem um presidente diferente», acrescentei, «votem nos meus oponentes, pois ambos são diferentes da grande maioria: há dois anos e meio que pertencem a um grêmio simpático, eficiente e sem imaginação nenhuma, que esqueceu os estudantes aos quais tem o dever

de servir, como eles bem merecem.»

Continuei no mesmo tom e, quando me sentei, recebi estrondosos aplausos. No dia seguinte, ganhei as eleições. Foi um dos momentos da minha vida em que me senti mais orgulhoso.

Mas a primeira reunião do conselho Krents não foi nada auspiciosa. Dramaticamente, peguei o martelo e bati com ele na mão direita do meu vice-presidente, em vez de bater na mesa. Ele gritou de dor e a sessão começou.

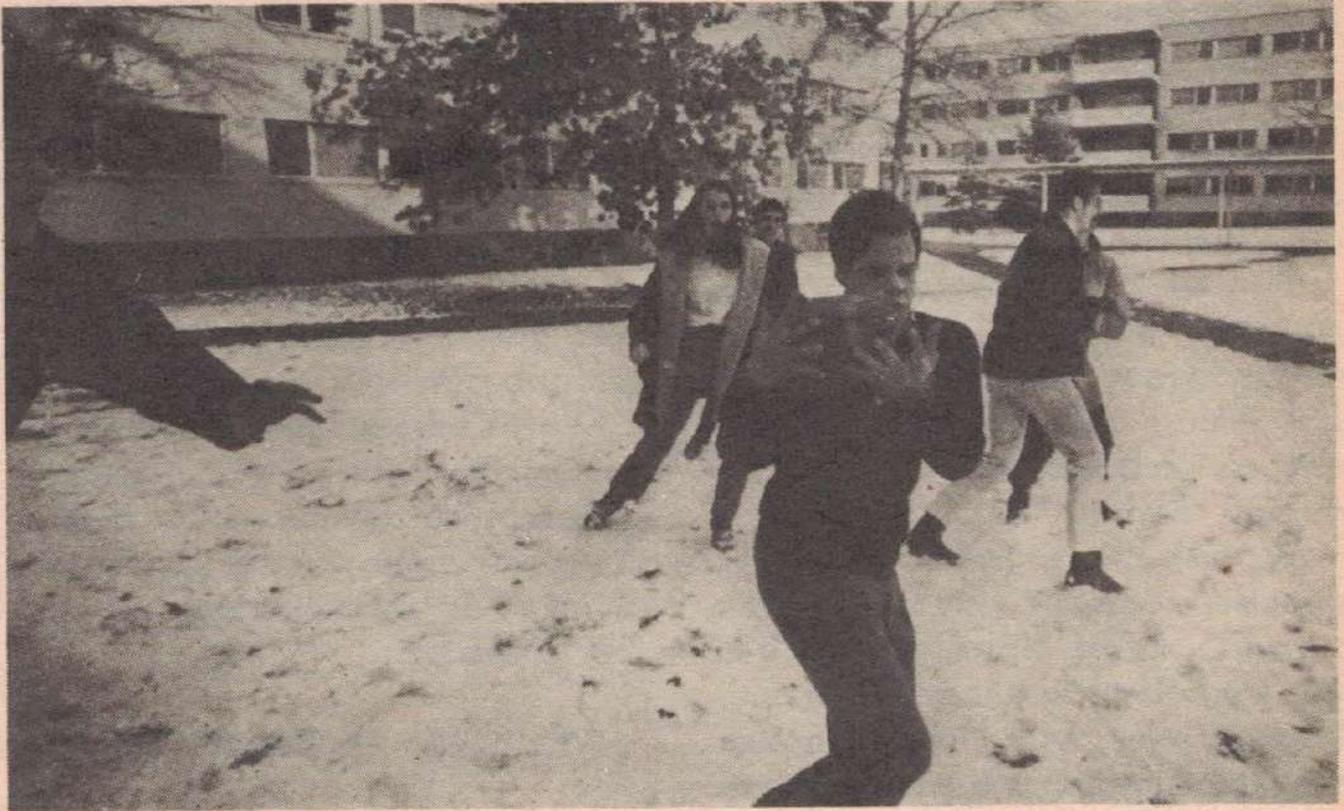
«Este ano», anunciei, «foi escolhido um novo sistema de pedir a palavra. Em vez de levantarem a mão, dirão 'Sr. Presidente' e eu lhes apontarei o martelo, quando os autorizar a falar.»

Logo se tornou embaraçosamente evidente que o novo sistema tinha algumas falhas que precisavam ser corrigidas. Correu tudo muito bem enquanto se tratou daqueles que desejavam pronunciar discursos para se candidatarem ao lugar de tesoureiro. Os problemas começaram quando os que desejavam apoiar as candidaturas pediram a palavra.

Os gritos de «Sr. Presidente» irromperam de inúmeras bocas, de todos os cantos da sala.

No meio da confusão, tentei desesperadamente resolver o problema, mas o meu *sonar* estava cheio de estática... Meus amigos tinham toda a razão. Em quinze minutos, eu transformara o grêmio estudantil num caos completo. Decidi tornar-me duro:

«Todos calados!» berrei e, para



Harold recebe um passe, durante um jogo na universidade

meu espanto, reinou grande silêncio.

De um momento para o outro, eu deixara de ser rapaz cego e assustado, tentando vencer, com dificuldade, o primeiro dia no comando de um grêmio estudantil, e passara a ser *El Presidente*.

«Quem se atrever a dar um pio será expulso desta reunião», gritei à emudecida assembléia. «Quero que fique entendido, desde já, que a administração Krents não tolerará explosões de indisciplina como esta a que acabamos de assistir.»

Interrompi a espinafração ao ouvir um diálogo em surdina, bem debaixo do meu nariz.

«Não voltará a acontecer!», afirmei, irritado. «Nunca mais!»

Para meu espanto, o cochicho continuou.

«Muito bem, vocês dois saiam!»,

ordenei, e apontei ameaçadoramente o martelo na direção dos culpados.

«Calma, rapaz», aconselhou o meu vice-presidente.

«Não! Temos de suprimir a rebelião sempre que ela se verifique. Portanto, saiam antes que os expulso pessoalmente.»

«Você perdeu o juízo», gemeu o meu vice-presidente.

Por fim, ouvi os dois perturbadores da ordem empurrarem as cadeiras e levantarem-se para sair.

«Falarei com ambos no meu gabinete, assim que esta reunião terminar», adverti.

«Eu é que falarei com você no meu gabinete», respondeu uma voz que reconheci muito bem.

«Idiota!», resmungou o vice-presidente. «Acaba de expulsar o diretor, Sr. Fink, e também o conselheiro

dos estudantes, Sr. Beveridge.»

«Hei, Harold, e agora?», gritou uma voz do fundo da sala.

Estava ainda meio atordoado quando, mais tarde, nesse mesmo dia, entrei no gabinete do Sr. Fink.

«Quero pedir minha renúncia», declarei, vencido. «Meus amigos previram que em duas semanas eu faria cair o grêmio estudantil, mas eles me subestimaram. Só precisei de um dia!»

«Recuso-me a aceitar a sua renúncia», respondeu-me o Sr. Fink, sorrindo. «Você é precisamente o de que a escola precisa, neste momento. Nos últimos anos, tenho notado uma tendência perturbadora, como se os estudantes achassem que não devem falar com os seus líderes. Aconselhei alguns presidentes a se integrarem com os colegas que os elegeram, para os jovens sentirem que o presidente é apenas outro aluno como eles. Mas você, numa única reunião, inverteu essa tendência. O seu comportamento liquidou a opinião de que um aluno deixa de ser humano e de cometer erros quando se torna presidente. Se conseguiu isso numa única reunião, quem sabe o que poderá conseguir no ano inteiro?» Disse isto e riu, mas no seu riso havia compreensão e afeto profundo.

Para grande espanto do conselho estudantil, eu ainda era presidente quando começou a reunião seguinte. E precisamente quando ia reabrir a sessão para a escolha do tesoureiro, o Sr. Fink apareceu na sala e perguntou, com certa curiosidade:

«Posso entrar, por um momento?»

«Pois não! Entre por favor.»

«Na última reunião, o Sr. Beveridge e eu deixamos de guardar silêncio e fomos devidamente repreendidos pelo presidente. Gostaria de pedir publicamente desculpas pelo nosso comportamento e de garantir que isto não se repetirá.»

O Sr. Fink sentou-se e eu levantei o martelo. Ouvi o vice-presidente tirar rapidamente as mãos de cima da mesa, e assim começou a segunda reunião da administração Krents, sem incidentes.

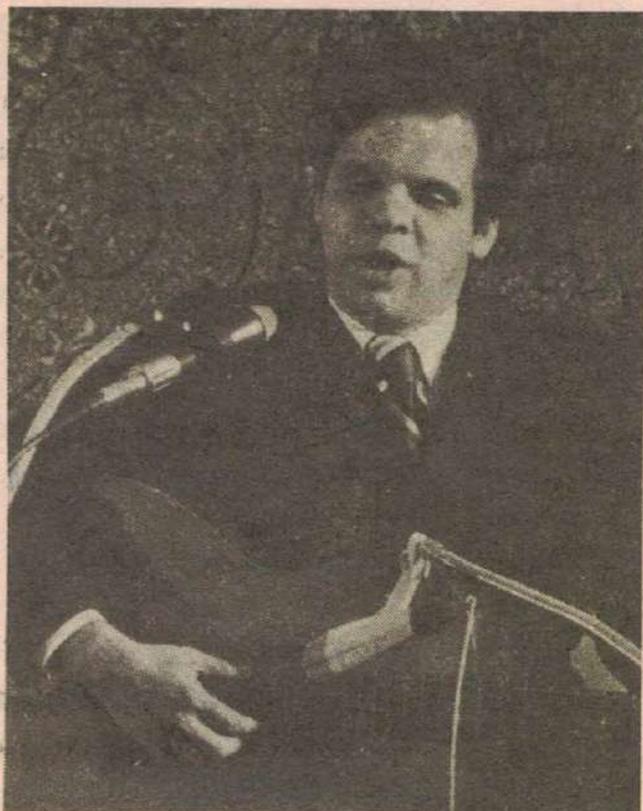
Falta-lhe Qualquer Coisa

NA sexta-feira, 13 de setembro de 1963, Babby, minha mãe, meu pai e eu transpusemos o portão de acesso ao pátio de Harvard e paramos defronte do dormitório da universidade que me fora destinado. O carro nunca viajara tão carregado: dois gravadores Braille; 14 resmas de papel especial para escrita em Braille; uma máquina de escrever; um toca-fitas; 26 volumes, em Braille, da História do Mundo Moderno, do Professor Palmer; um toca-discos; um violão; três malas; duas caixas e um baú.

Eu era, finalmente, um estudante de Harvard e, enquanto enchia os pulmões do ar da universidade, sentia-me repleto de esperanças.

O maior desafio imediato era arranjar um sistema que me permitisse orientar-me no recinto da universidade.

«Isso não é problema», afirmou



Harold toca violão, e canta numa cantina, em Cambridge

confiante minha mãe, quando iniciamos o primeiro passeio pelo local. «Suas classes estão em salas diferentes, mas felizmente o caminho para todas elas é em linha reta.»

Oito extenuantes horas depois pude admitir que metade da afirmação de minha mãe estava correta: minhas classes eram, de fato, dispersas, mas o caminho para elas era um labirinto.

«Crie um sistema, eis a única solução», insistiu minha mãe. «Contaremos os passos entre cada uma das salas, e, enquanto conto, faça um mapa em Braille.»

Durante vários dias, segui-a por todos os lados, fazendo mapa atrás outro. Não nos limitamos a contar os passos de classe a classe; contávamos também os passos dentro de

cada edifício. Sabiam, por exemplo, que do terceiro lugar da primeira fila da Sala Emerson até ao bebedouro são 122 passos? E que são 967 passos que separam o 12.º lugar da 83.ª fila da Sala Paine do lavatório dos homens?

Por fim, minha mãe deu-se por satisfeita e eu iniciei o meu primeiro giro sozinho. Sentia-me confiante, a princípio, mas o que começou como um passeio despreocupado não tardou a se transformar num pesadelo: descobri que a escala dos mapas Krents se baseava no comprimento dos passos de minha mãe e não no dos meus!

Isto foi apenas o começo dos meus problemas em Harvard. Outro, por exemplo, foi o primeiro trabalho que escrevi. Passei a noite inteira, antes do dia marcado para a entrega, ocupado com o lento processo de transcrever 30 páginas de Braille (nas quais redigi o trabalho) para dez páginas datilografadas. De manhã, levei a obra-prima ao meu colega de quarto, para sua aprovação, e descobri que datilografara dez páginas em branco: a máquina estava regulada para stêncil!

Mas, com o tempo, consegui me adaptar e até figurei no Quadro de Honra.

A minha capacidade de funcionamento no mundo visual foi sempre um trabalho de equipe entre todos os membros da minha família. Por exemplo, no segundo ano tive de preparar um trabalho de fim de período, para a cadeira de antro-

pologia. Estava me saindo muito mal nessa cadeira e, entre mim e a reprovação, havia apenas esse trabalho e o exame final. Fui para casa, escrever sobre o tema, que era A Valorização dos Grandes Macacos. Quando acabei, minha mãe passou-o a máquina e meu pai o leu.

«Harold, falta... falta qualquer coisa.»

«Ótimo!», resmunguei. «Vamos fazer uma gravação de todos os gritos dos grandes macacos. Estão reproduzidos num dos livros que mamãe e eu encontramos na biblioteca.»

«É isso mesmo!», exclamou meu pai. «É isso mesmo!»

«Papai, eu estava apenas brincando!»

Mas ele falava a sério e, 10 minutos depois, papai, minha irmã, meu gravador, meus tambores de bongô, o livro e eu estávamos todos reunidos. Meu pai evidenciou uma habilidade especial para o grito dos orangotangos, enquanto o forte de Babby era o dos chimpanzés. Quanto a mim, reproduzi com perfeição o grito de acasalamento do gibão-fêmea.

O trabalho teve uma nota baixa, mas a gravação obteve a nota mais alta, e foi muito elogiada pelo meu professor. Confessou-me que os seus coquetéis tinham se tornado êxitos espetaculares desde que começara a tocar a «gravação dos macacos».

Nesses anos, ninguém foi mais importante para mim do que as minhas leitoras: moças de universi-

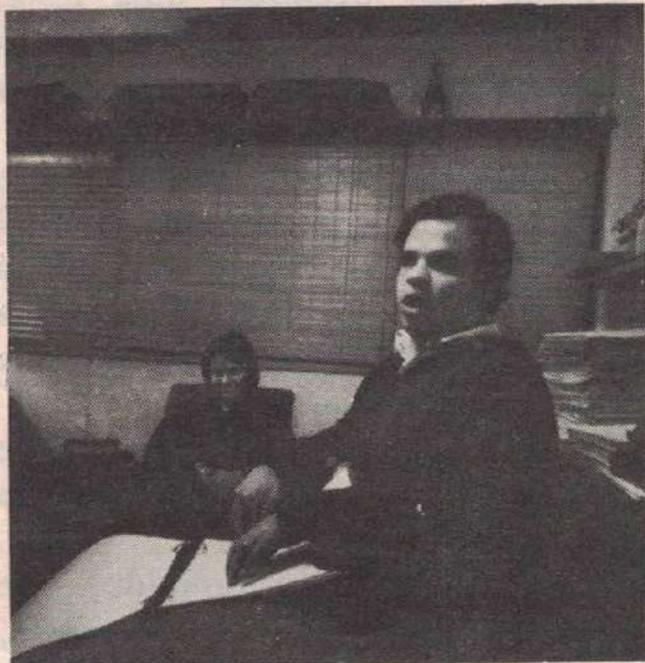
dades próximas, que dedicavam parte do seu valioso tempo a ler para mim os livros de estudo. Passava 20 horas por semana na sua companhia. Graças a elas, à ajuda e ao encorajamento da minha família e ao fato de não ter vida social que me distraísse, diplomei-me em Harvard com distinção. No outono seguinte, matriculei-me na Faculdade de Direito de Harvard.

Uma Leitora Chamada Kit

Segundo um antigo ditado, no primeiro ano da Faculdade de Direito matam-nos de susto e no segundo ano matam-nos de trabalho. Garanto-lhes que é verdade. A princípio senti-me tão assustado que não fazia outra coisa senão estudar, e no segundo ano tinha leitoras 13 horas por dia, cinco dias por semana, num esforço desesperado para reduzir as montanhas de leitura que cada professor acumulava sobre a minha cabeça.

Sempre que precisava de material em Braille, minha mãe recorria a um maravilhoso grupo de mulheres dedicadas — Eleanor Lazarus, Margery Metzger, Doris Newman, Rita Gross e a minha tia Gertrude —, que largavam tudo para me ajudar, como acontecia desde que perdera a vista. Assim, depois que as leitoras saíam, podia ler os meus textos em Braille até às três da manhã ou mais, antes de o sono me vencer.

Só um acontecimento alegrou esses dias difíceis. Como todos os rapazes americanos, eu me inscre-



*Lendo Braille na
Faculdade de Direito*

vera na seção de recrutamento militar aos 18 anos, absolutamente convencido de que receberia a classificação de 4-F (isto é, inapto para o serviço militar). Em vez disso, porém, a junta de recrutamento me deu a classificação de 2-S, ou seja, o mesmo adiamento dado a todos os meus colegas estudantes com visão normal. As coisas continuaram assim até que um dia, no meu primeiro ano da Faculdade de Direito, o 2-S foi cancelado.

«Reclassificaram-no em 1-A (apto para serviço militar)», disse-me mamãe. «Mas seu pai irá lá amanhã e esclarecerá o assunto.»

Surpreendentemente, porém, a junta de recrutamento mostrou-se obstinada: eu teria de me apresentar no prazo de 30 dias à inspeção médica. Por isso, resolvi divertir-me um bocado.

Telefonei à United Press Inter-

national e contei-lhes a minha história. Uma hora depois, apareceu no meu quarto toda a comunidade jornalística local. Meu colega de quarto se transformou de um minuto para o outro em meu secretário de imprensa, e demos uma colossal entrevista coletiva. Todos os jornalistas se divertiram a valer. Vestiram-me uma enorme farda do Exército, colocaram-me uma arma de brinquedo numa das mãos e a minha bengala branca na outra, e fartaram-se de tirar fotografias. Um jovem repórter mais ousado até telefonou a um funcionário da minha junta de recrutamento, para ver como ele reagia.

«Não me interessa que seja cego ou não», respondeu o indivíduo ao repórter. «Comparecerá à inspeção médica.»

Esta resposta correu mundo, e nos quatro dias seguintes o meu telefone não parou de tocar. Nunca pensei que existissem tantos jornais!

Por fim, uma envergonhada junta de recrutamento deu-me a classificação 4-F, mas continuei a receber enorme quantidade de cartas. Eram enviadas por pessoas de todo o país, dizendo-me que nunca mais se sentiriam constrangidas na presença de um cego, pois tinham compreendido que um cego era tão capaz de possuir senso de humor como qualquer outro indivíduo. Outras me escreviam sobre amigos ou familiares que tinham perdido a visão e diziam-se gratas por ter levado um pouco de humor às suas vidas. Estas cartas significaram muito,

mas muito, mesmo, para mim.

Durante o meu segundo ano na Faculdade de Direito uma pessoa muito especial entrou em minha vida: Kit Williams. As circunstâncias que nos reuniram não tiveram nada de romântico: duas das minhas melhores leitoras me abandonaram e Kit foi uma das substitutas.

Nosso primeiro encontro ficou marcado para as quatro horas de uma tarde de fevereiro. Pela manhã começou a nevar, ao meio-dia a espessura de neve era de 7,5 cm e a temperatura caíra muito. As leitoras do princípio da tarde telefonaram para cancelar a visita, depois as do fim da tarde fizeram o mesmo e até as do dia seguinte as imitaram. Mas de Kit não recebi notícias. Já estava convencido de que não viria quando — precisamente às 4h 57 min da tarde e com 25 cm de neve no chão — ouvi alguém bater de mansinho à porta. Numa voz de menina pequena que me pareceu tão quente como um dia de verão, Kit se apresentou. Chegara atrasada, explicou, porque eu não lhe indicara bem o caminho.

Foi Kit quem dirigiu, mais ou menos, aquela primeira sessão. Não trabalhamos muito. Kit achou a leitura tremendamente enfadonha e declarou que preferia falar a seu respeito. Depois, inesperadamente, perguntou-me onde estavam os meus companheiros de quarto e confessou que vestira a sua melhor saia e a melhor blusa para lhes causar boa impressão.

«Tive uma idéia», respondi-lhe.

«Porque não organizo uma festa, em sua honra? Que procura num rapaz? Físico agradável, riqueza, ou ambas as coisas?»

«Nenhuma delas», respondeu e pela primeira vez foi uma mulher que falou com a voz de Kit. «Para mim o mais importante é ser útil.»

Creio que foi nesse momento que comecei a amá-la.

Antes de sair, perguntei-lhe porque viera, com toda aquela tempestade.

«Porque tinha prometido que viria e não podia decepcioná-lo, pois sei que, sem as suas leitoras, você fracassaria. Vim porque sabia que precisava de mim.»

O «Verdadeiro» Harold Krents

Pouco depois dos exames finais do segundo ano da Faculdade de Direito, meu pai me deu uma notícia maravilhosa. Um escritor de Hollywood chamado Leonard Gershe acabava de escrever uma comédia sobre um jovem cego independente. Chamava-se *Liberdade para as Borboletas*. Gershe tivera a idéia depois de ouvir uma entrevista que eu dera, pela rádio, na época da confusão do meu recrutamento militar. A peça não era sobre mim mas fora eu que a inspirara.

Liberdade para as Borboletas estreou na Broadway em meados de outubro de 1969 e teve êxito imediato. De repente, transformei-me numa pequena celebridade e minha vida passou a ser uma loucura de entrevistas para a televisão, para

revistas e para jornais. Em dezembro, uma revista chegou mesmo a mandar uma equipe de repórteres a Harvard, onde permaneceu dois dias e duas noites. Enquanto um fotógrafo da equipe batia milhares de chapas, o outro me assediava com perguntas destinadas a revelar o meu «verdadeiro eu», o estudante sensível e cego, cheio de fascinantes psicoses e neuroses.

Mas as minhas respostas não pareciam satisfazer o repórter — que por sinal era *uma* repórter — e esta acabou por se decidir a entrevistar as minhas leitoras voluntárias.

«Como é realmente Harold Krents, sob aquela fachada de normalidade?» — ouvi-a perguntar.

«Sintô decepcioná-la, mas Hal é exatamente como qualquer outro ser humano.»

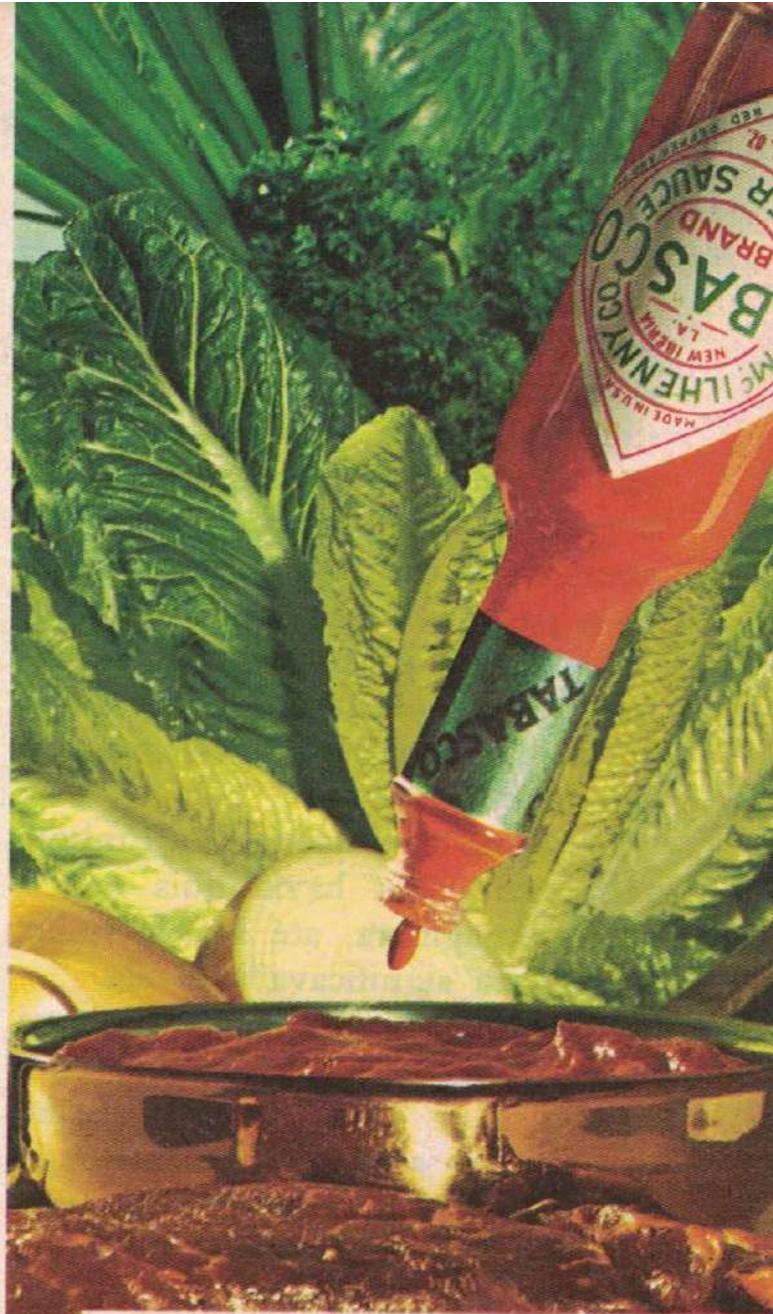
«Mas deve se sentir deprimido. Nunca o viu triste?»

«Já», respondeu a leitora, que me conhecia havia dois anos. «Já o vi na maior depressão.»

«Estamos, finalmente, conseguindo arrancar alguma coisa. Quais foram os motivos desses períodos de depressão?»

«Oh, coisas como excesso de trabalho, um sábado chuvoso, ou o fim de um romance de amor. Aquelas estranhas coisas que só os cegos sentem, compreende?»

Por fim, a entrevistadora me perguntou se eu tinha uma namorada, e eu lhe respondi que saía com Kit desde setembro. Convidou-nos, imediatamente, para um lauto jantar e começou a fazer perguntas:



**Umás gotas de pimenta
para melhorar a ementa...
Tabasco**

V. pode dar um novo e excitante sabor aos pratos de carne, adicionando umas gotas de pimenta líquida Tabasco. Tabasco é fabricado com pimentões amadurecidos ao sol, macerados e transformados em polpa, e envelhecidos durante anos até atingir o aroma e paladar pretendidos. Não existe nenhum tempero como este. Experimente V. mesmo, e verá o resultado!

HAMBURGERS COM TABASCO

Para 4 pessoas:

1/2 colher (chá) de 0,5kg de carne moída
Tabasco 1 colher (chá) de sal
1/2 xícara de leite ou
de suco de tomate

Adicione Tabasco ao leite (ou suco de tomate). Regue a carne com o preparado; polvilhe com o sal; misture bem com um garfo, ou a mão. Forme 4 bolas achatadas. Frite-as, em fogo forte, numa frigideira ligeiramente untada, deixando cozinhar 8 minutos de um lado e 6 minutos do outro.

Grátis — Livro de Receitas (inglês)
Pedir por escrito

Aurora — Indústria e Comércio de
Produtos Alimentícios S. A.

Caixa Postal 4119 — São Paulo — Brasil

Tabasco is the registered trademark for McIlhenny Co. pepper sauce.
Copyright 1973, McIlhenny Co., Avery Island, Louisiana 70513

«Alguma vez se sente envergonhada quando a vêem com Hal?»

«Como poderia me sentir envergonhada de Hal?», replicou Kit. «Conhecê-lo foi a experiência mais significativa da minha vida. Ele tem sido uma inspiração para mim e para muitos outros, e tem mais coragem do que todos nós reunidos. Vi-o partir a cabeça contra a trave do gol, ao jogar futebol, e dois minutos depois, correr pelo campo afora, como se não tivesse acontecido nada.»

Senti-me emocionado. Embora sáísse com Kit havia dois meses, nunca imaginara, até àquela noite, quanto eu significava para ela.

«Hall possui um calor humano especial que me surpreende», continuou Kit. «Por muito trabalho que tenha, sempre arranja tempo para ouvir as pessoas que precisam de conselhos. Estas pessoas não têm nenhuma deficiência, não são diminuídas fisicamente, mas isso não as impede de considerarem a vida uma experiência triste e sórdida. Por isso, pedem auxílio a alguém que considera a vida uma aventura emocionante. Envergonhada de Hal? Nunca! A luta que tem travado para que o tratem como um ser humano normal me enche de admiração e afeto. Só desejo que ele nunca se sinta envergonhado de ser visto comigo.»

Nessa noite fiquei acordado até muito tarde, com o coração a entoar um hino de amor à jovem que eu decidira fazer minha mulher.

Dessa altura em diante, Kit e

eu passamos a andar sempre juntos. Ela me prestou um grande apoio durante o meu 3.º e último ano na faculdade. No entanto, naquela época eu começara a procurar emprego nos cartórios de advogados, e me sentia bastante desanimado. As recusas se sucediam e, não raro, as pessoas chegavam a ser de uma franqueza brutal. Não acreditavam, pura e simplesmente, que um cego pudesse ser bem sucedido na carreira jurídica.

A amargura é uma emoção estúpida e inútil, mas, para mim, era difícil deixar de senti-la. Dedicara três anos de trabalho árduo para obter uma boa formação jurídica e achava que tinha pelo menos o direito de mostrar o que podia fazer.

«Como você poderia se encarregar de trabalho de pesquisa jurídica?», havia sempre quem perguntasse.

«Muito simples: arranjará uma secretária para me acompanhar à biblioteca e ela procuraria para mim o que eu desejasse. Tomaria apontamentos em Braille e depois lhe ditaria um memorando.»

«Impraticável», respondia um.

«Impossível», concordava outro.

«Mas tenho utilizado esse sistema, com êxito, em debates de competição na Faculdade de Direito de Harvard!», protestava, mas em vão.

Ainda tenho uma gaveta cheia de negativas de firmas de advogados. Recebi até recusas de firmas que nem sequer contactara. Alguém as consultara sobre a possibilidade de me concederem, ao menos, uma

entrevista, e isso, por incrível que parecesse, também me era negado.

Creio que esta rigidez é perigosa para todo o sistema jurídico. A Lei requer uma certa dose de flexibilidade, e, para que um sistema jurídico sobreviva, os que nele trabalham deviam refletir a mesma flexibilidade.

«Riso, Alegria e Felicidade»

EM princípios de maio, um mês antes de me formar, comecei a ter grandes dores de cabeça. Um dia fechei os olhos, para aliviar a dor, e quando os abri o vislumbre de percepção de luz do meu olho direito desaparecera. Pela primeira vez na vida encontrava-me mergulhado em total escuridão. Vivi isolado durante o resto da semana. Só Kit compartilhava o meu terror, e foi quem insistiu em que a minha alegria de viver não podia depender de uma réstia de luz.

No sábado seguinte, saímos na esperança de alugar uma bicicleta tandem, a fim de irmos a Walden Pond. Regressamos depois de duas horas. Correrá tudo mal. Não conseguimos encontrar um tandem, a única bicicleta em que consigo andar, ninguém aceitara alugar um automóvel a um cego e Kit não tinha a idade necessária para dirigir. Tentamos jogar bola, às margens do rio Charles, mas a grande bola de borracha, que sempre usara sem dificuldade, batia-me constantemente na cara, quando queria agarrá-la.

Desanimados e tristes, atraves-



Um Presente Extraordinário A Jóia Máxima de Um Mestre Artífice

Em ocasiões em que só o extraordinário é bastante, ofereça uma «Silver Imperial», de prata sterling maciça, ou uma «Imperial Sovereign», da Sheaffer, banhada a ouro de 14 quilates. São obras-primas do maior fabricante de instrumentos de escrita do mundo. Puro e luxuoso artesanato, do prendedor à pena de ouro de 14 quilates. Esferográfica e lapiseira são seus adequados complementos. Peças únicas ou conjuntos para presente

SHEAFFER

o artífice orgulhoso

SHEAFFER, WORLDWIDE, GRUPO **textron**

samos o pátio de Harvard, de regresso ao meu quarto. Paramos para descansar um momento nos degraus da capela da universidade.

«Hal, querido, porque não entramos um pouquinho?» — sugeriu Kit.

Entramos, sentamo-nos num banco e deixamos que a quietude nos envolvesse. Alguém começou a tocar órgão e eu tive a estranha sensação de que Deus estava presente. «Porque me acontece isto? Porquê?», pensei. «Era um raio de luz, tão pequenino!»

Comecei a soluçar, enquanto pensava no meu futuro de trevas. De súbito, tive consciência de que Deus segurava a minha mão — ou seria Kit? — e fui invadido por uma agradável sensação de paz, que me aqueceu a alma. Era o sol expulsando a neblina matinal. «Tenho tantos motivos de gratidão! Estou prestes a me bacharelar em Direito; amo uma moça maravilhosa, que retribui o meu amor. Tenho a vida à minha frente — tenho amor, riso, alegria e felicidade para o meu futuro!»

Mais um obstáculo a vencer, depois do bacharelato. Durante o verão, tive de me submeter ao exame de admissão na advocacia do Estado de Nova York. Uma tarefa cansativa. Kit me ajudou, lendo-me perguntas. Naturalmente, a família Krents se fez presente e, por turnos, deu-me o seu auxílio.

Os dois dias do exame foram dos mais difíceis da minha vida. Terminei finalmente as provas, com a desagradável sensação de não saber se fracassara ou passara. Os resultados seriam publicados no dia 1.º de dezembro, no *Times* de Nova York. Nesse outono passei muitas noites em claro, contando receios em vez de carneiros. Até que o dia 1.º de dezembro chegou. Meu pai e eu entramos numa fila de outros estudantes e pais ansiosos à porta do *Times*, no centro de Nova York. Os jornais chegaram, enfim. Meu pai agarrou um e começou a ler os nomes dos aprovados:

— Kelly... Kirk... Klawson... Kopp... Krents, Harold Krents. Ali, eu disse adeus ao bebê, ao mocinho, ao adolescente e ao jovem adulto.

«Um a zero para nós papai», exclamei, exultante. «Acabou-se tudo!»

«Não acabou nada», replicou. «É apenas o início de um mundo maravilhoso, que agora vai começar!»

Em março de 1971, pouco depois de fazer o exame de admissão a Advocacia, Harold foi contratado por Surrey, Karasik and Morse, uma firma de advogados de Washington, e, passados poucos meses, casou-se com Kit. Há um ano que está de licença, estudando para se diplomar em Direito pela Universidade de Oxford, da Inglaterra, graças a uma bolsa de estudos, que conseguiu obter da Rotary Overseas.